

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2011 - ANO XIV - Nº 176

EDITORIAL

Uma das bandeiras desfraldadas pela sociedade e por diversas instituições de todo o país é a da transparência. Crescem os movimentos em prol desta iniciativa. A classe política é conclamada a adotar critérios mais abertos no uso do dinheiro público.

A ideia de transparência é simples e sensata: o contribuinte tem o direito de saber onde e como foi gasto cada centavo do imposto pago. Quanto mais transparente for a gestão pública mais claro estará para onde vai nosso dinheiro e menores serão as oportunidades de corrupção. Também será maior nossa capacidade de fiscalizar os políticos e, consequentemente, de escolher os melhores e mais capacitados candidatos nas eleições. A transparência é, ao mesmo tempo, um remédio contra a corrupção e uma arma a favor da democracia.

A discussão sobre transparência volta à tona com os sucessivos escândalos de desvios de recursos públicos nos ministérios e governos apontados pelos órgãos de comunicação. Sem a imprensa livre, atuante e investigativa jamais a população teria conhecimento dos inúmeros desvios em obras públicas, pagamentos de propinas, escandalosos enriquecimentos de políticos, entre outros. A transparência na gestão pública não serve apenas para inibir a corrupção, mas também para cobrar melhores serviços. Assim, teremos melhoria de qualidade na educação, na saúde, no saneamento básico, no meio ambiente, além de investimento na cultura, nos esportes, no lazer e em todas as outras áreas. Para que isso aconteça é importante o acompanhamento da população. Recursos para todas essas obras existem e o governo federal os tem disponibilizado para os municípios. Mas a falta de transparência nos gastos públicos e a corrupção em todos os níveis precisam ser acompanhadas pela população. Isto é um exercício de cidadania.

Foto arquivo Pro-Memória



Desfile de 7 de Setembro de 1963, na Praça Duque de Caxias. De maneira didática, o Grupo Escola Antônio João, sob a direção do professor Osmar Rocha Simas, encena o quadro "Independência ou Morte".

Patriotismo, civismo e educação

Até algumas décadas atrás, em qualquer solenidade cívica que ocorria em Piquete havia a participação maciça da sociedade: escolas, operários e militares da FPV, representantes das Igrejas e outras entidades... Todos cantavam respeitosamente o Hino Nacional enquanto o Pavilhão Nacional era hasteado. Hoje constatamos dificuldades para se cultivar o patriotismo e o civismo, talvez por falta do exercício de cidadania ou vice-versa.

Patriotismo, civismo e cidadania são valores e direitos que todos devem ter como regra e não como exceção. Mas não é o que ocorre. No último dia 7 de Setembro, foi com preocupação que assistimos pela TV a uma enquete em que muitas pessoas responderam negativamente quando perguntadas do porquê de ser feriado nacional naquela data. Lamentavelmente não sabiam.

Observamos que patriotismo parece estar fora de moda. Embora não seja assunto do momento, em vista de sua grandeza, conhecer a pátria, sua história e seus heróis talvez seja o começo para diminuirmos o grande abismo que existe entre os cidadãos brasileiros. Civismo é um sentimento que dever ser semeado a todo instante e deve permear todos nossos atos públicos. Devemos reaprender, valorizar e cultivar o amor e o respeito aos símbolos nacionais. Por falta do exercício de cidadania, o

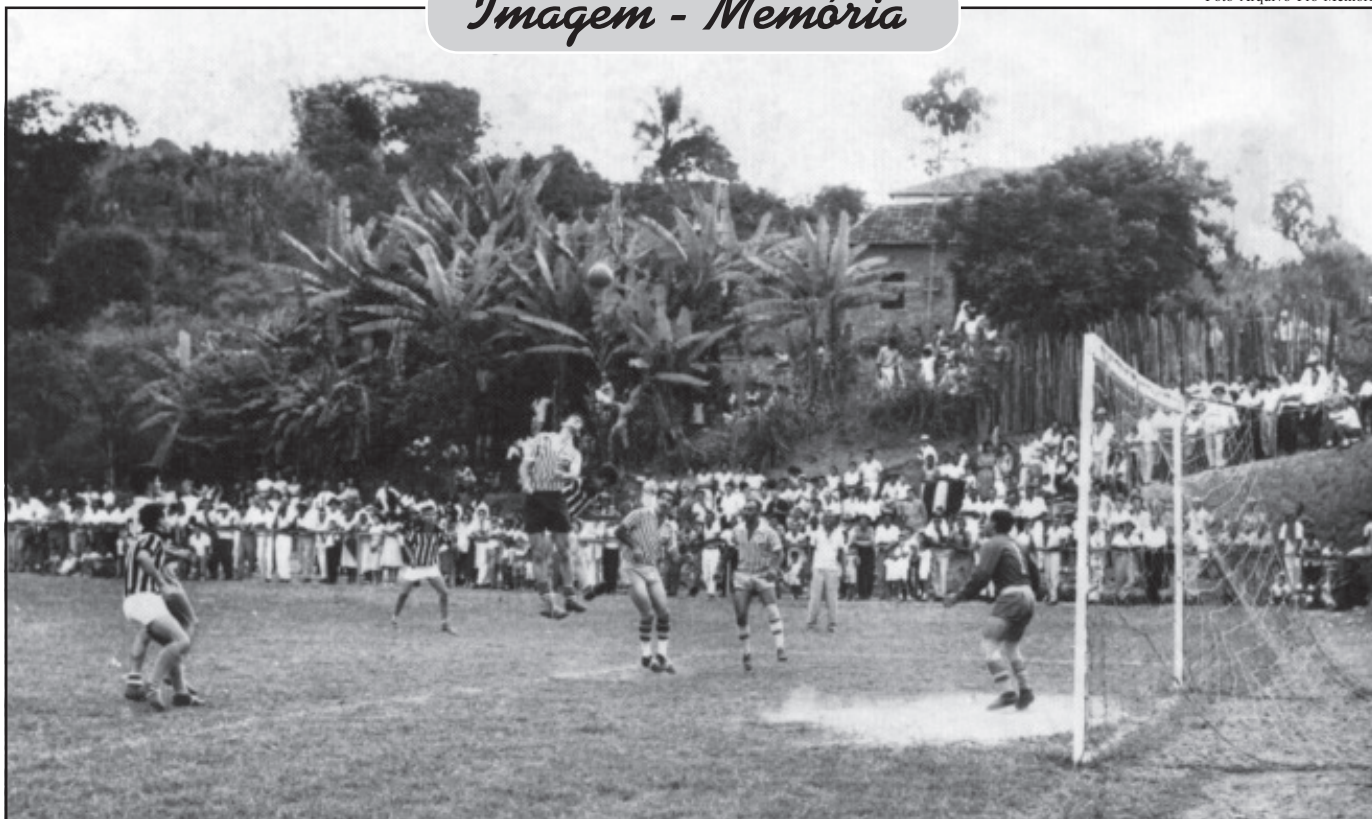
brasileiro não cobra seus direitos porque sequer os conhece e não cumpre seus deveres, em contrapartida, pelo mesmo motivo. Sabe, no máximo, que algumas coisas e algumas atitudes são erradas, mas se justifica e se conforma com os erros de seus dirigentes e representantes.

Na última semana, o Ministério da Educação divulgou o vergonhoso resultado do ENEM, que apontou a péssima qualidade do ensino público brasileiro e o crescimento da diferença entre o rendimento dos alunos das redes pública e privada. Civismo e patriotismo dependem de boa educação. Sua ausência pode ser constatada em todas as cidades onde as oportunidades de acesso ao saber são precárias.

Feliz é o povo que vê na educação um instrumento eficaz para a formação de uma sociedade reconhecida no mundo pela sua capacidade de compreender as causas nobres. A falta de políticas públicas efetivas voltadas à educação, a carência de lideranças e de pessoas comprometidas com o aprendizado vêm levando à deteriorização de valores básicos. Para mudarmos é indispensável eliminar o egoísmo de certos grupos que, longe de ser cidadãos, cerceiam a ascensão de muitos negando-lhes a oportunidade do saber. O ensino de boa qualidade promove o indivíduo e, consequentemente, enriquece a pátria.

Imagem - Memória

Foto Arquivo Pro-Memória



Partida inaugural da Praça de Esportes da Associação Atlética Piquetense, em 3 de maio de 1959. Na foto, de autoria de Dogmar Brasilino, os jogadores da A.A.P. (listras mais finas) são: Sebastião, Armandinho, Paulino, Pedrinho. O juiz da partida foi Danilo Lopes.

A praça de esportes da A.A.P.

Em 1921 surgiu o Piquete Futebol Clube, que teve como fundadores José Corrêa, Durval Perdigão, Genaro Coelho, Prof. Aureliano Reis, Luiz Arantes Júnior, Prof. Antônio Gonçalves, José Alves Filho, Guilherme Jansen, entre outros.

Em 1934 teve seu nome mudado para Associação Atlética Piquetense, quando foi registrado seu estatuto e adquirido um terreno junto à entrada da cidade, ao lado da Avenida Major Pedro. Nesse local funcionou até 1940, quando interrompeu suas atividades esportivas em decorrência da construção da rodovia Lorena-Itajubá, que passou ao longo de sua praça de esportes. Desde então, vários grupos, em épocas diversas, tentaram reorganizar essa Associação, mas sempre fracassavam em seu intento por não conseguirem um terreno em condições de abrigar um campo de futebol. O único terreno aproveitável na ocasião não poderia ser vendido separadamente de uma grande área anexa e isso estava fora das possibilidades financeiras dos atletas. A Associação encontrava-se nesse impasse quando Christiano Alves da Rosa adquiriu o referido terreno a fim de vendê-lo em lotes. Christiano foi imediatamente procurado por Luiz Vieira Soares, Joaquim Augusto e Carlos Vieira Soares e acertou-se que o novo proprietário das terras venderia a área necessária para a construção do campo.

Para organização da primeira diretoria foram expedidos convites à população conclamando-a para uma reunião, que aconteceu em 26 de agosto de 1956. Nessa reunião foi aclamada a diretoria, que teve como um de seus primeiros atos a efetivação da compra do terreno, o que foi feito em condições facilitadas por Christiano Rosa, que iniciava, assim, o loteamento da futura Vila Cristiana. Fizeram parte da diretoria: Presidente – Joracy Faury; Vice-Presidente – Carlos Vieira Soares; 1º Secretário: José Armando de Castro Ferreira; 2º Secretário: Vicente Alves de Freitas; 1º Tesoureiro: Esbertisto Bernardo Vieira; 2º Tesoureiro: Joaquim Augusto; Diretor de Esportes: Paulo Rodrigues; Treinador: Manoel Rosa Andrade; Comissão Fiscal: Euclides Martins de Camargo, Benedito Batista de Oliveira, João Vieira Soares, Jorge de Andrade Costa e Alípio Caetano de Abreu.

O próximo passo foi a organização de uma campanha para a construção da praça de esportes, que recebeu adesão em massa da comunidade. A comissão nomeada para a construção do campo era constituída por Vicente Alves de Freitas, Pedro dos Santos, João Guimarães, Paulo Nader e João Gomes. Agiram com presteza, de maneira que, em pouco tempo, pôde-se ver concretizada aquela velha aspiração dos piquetenses. Num trabalho conjunto, drenaram, aterraram e construíram numa área que era um brejo

cheio de taboas. Assim, no dia 3 de maio de 1959, às 13h, numa concorrida solenidade, foi inaugurada a praça de esportes da Associação Atlética Piquetense. Nessa ocasião, Carlos Vieira Soares, incansável batalhador da causa esportiva, como presidente da A.A.P., num gesto simpático, convidou as autoridades presentes para entregarem medalhas aos “Veteranos da Velha Guarda”, dentre eles, Juca Luz, Abel Teixeira, José da Silva Costa, Oscar Guilherme Jansen, Sebastião Júlio. Belmiro Corrêa Lima, também merecedor da medalha, representou os adversários do então Piquete Futebol Clube, no encontro realizado entre o quadro local e o Esporte Clube Delfim Moreira, em 1921, quando da inauguração do antigo campo.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Dona Cida do Ogenil

No bairro Alto da Bela Vista não há quem não conheça Dona Cida. Liderança religiosa, cidadã ativa, está sempre pronta para ajudar. Para todos que a procuram tem uma palavra amiga e de conforto. Nascida no bairro dos Marins, em 27 de agosto de 1945, Maria Aparecida de Oliveira Santos é filha de José Benedito de Oliveira e Maria Margarida de Jesus. Ainda menina, morou por pouco tempo no Quilombo, de onde a família se transferiu para Rio Claro, próximo ao bairro da Barra, em Delfim Moreira.

Dona Cida casou-se aos 17 anos com Ogenil Luiz dos Santos. Trabalhava na lavoura: “Sempre gostei do serviço na roça. Plantava arroz, feijão, milho, cana...”, conta. No início dos anos 1970 mudou-se para Piquete. Veio morar no “Morro do Querosene”, como era então conhecido o Alto da Bela Vista. O marido, que era pedreiro, veio trabalhar em uma empreiteira que prestava serviços à FPV. Depois, trabalhou por 21 anos na Prefeitura, onde se aposentou. Conta que quando chegou ao bairro não havia luz elétrica, água encanada, rede de esgoto, nem arreamento. Eram trilhos que quando chovia se transformavam em sabão: “Levei muitos tombos quando precisava descer...”. A água era buscada na mina da Vila Célia, o que exigia um sacrifício danado. “Por 12 anos carreguei lata d’água na cabeça”.

Dona Cida conta que as famílias eram muito unidas. Recorda-se de Dona Maria Mendonça, João Cândido, Dona Manuela, Dona Carmelita, Dona Zefa, Cida Reis e Dona Maria do Seu Moreira... Muito religiosa, trabalhou por seis anos na Pastoral da Criança, juntamente com Cida Ribeiro. “Era um trabalho maravilhoso”. Visitando as casas tomou contato com a realidade local. “Era difícil, mas quem tem Deus vai além, supera qualquer dificuldade”, completa ela. Mantém um Grupo de Oração do qual foi coordenadora por 12 anos seguidos. Como não havia uma capela no bairro,



reuniam-se nas casas dos moradores. No ano de 1980 a comunidade iniciou a construção de um espaço onde seriam instalados tanques para que as mulheres pudessem lavar roupa. Mas logo a água encanada chegou ao bairro e esse salão passou a ser usado para reuniões e para pesagem das crianças. Em 1985 o Padre Luiz Carlos benzeu uma imagem de Santa Mônica. A devoção à mãe de Santo Agostinho foi trazida ao bairro por sua tia, Zumira Maria de Jesus. Ela, viúva com 5 filhos pequenos, passava por muitas dificuldades na roça, em Minas. Certa feita, ganhou uma oração de Santa Mônica que passou a recitar todos os dias. Alcançou várias graças. Quando se mudou para Piquete, passando a residir no “Morro do Querosene”, comprou uma pequena imagem da santa, que se tornou alvo de veneração. Para a construção do salão, que foi transformado em capela, houve o empenho de toda a comunidade. Foram muitas as doações, quermesses, bingos, leilões... Conta que o senhor Nelson Benedito trabalhou muito. Era o responsável pelos leilões das prendas: leitões, frangos, bolos e rascas. No mês de agosto o bairro se movimenta: há tríduo de 24 a 27 de agosto, quando se comemora o dia de Santa Mônica. Dona Cida conta que, do início das obras do salão até os dias de hoje, já se vão 20 anos. Atualmente a capela de Santa Mônica pertence à Paróquia de Santo Antônio, e todos os domingos, às 17 horas, há celebração de missa.

Ministra da Eucaristia há mais de 13 anos Dona Cida continua atuante. “Hoje temos muitas melhorias, luz elétrica, água encanada, calçamentos, posto de saúde, escola e uma linda capela...”, diz, com autoridade de quem viu o bairro crescer. “Mas ainda falta muita coisa...”, faz questão de ressaltar.

Viúva, Dona Cida teve 9 filhos e 14 netos. Bem-humorada, com uma fé inabalável e contagiante otimismo, a todo o momento está pronta a ajudar. É exemplo de determinação e garra.



Zumira Maria de Jesus, tia de Dona Cida, e o padre Luiz Carlos, por ocasião da bênção da imagem de Santa Mônica

O que é a Pátria?



Tu talvez jamais tenhas pensado no que é a Pátria. Pátria é tudo que te envolve, tudo o que te criou e te alimentou, tudo que amaste, este campo que vês, estas casas, estas árvores; estas jovens que passam ali rindo são a pátria. As leis que te protegem, o pão pago por teu trabalho, as palavras que tu trocas, a alegria e a tristeza provenientes das coisas ou dos homens entre os quais vives são a pátria. O quartinho onde outrora viste tua mãe, as lembranças que ela te deixou, a terra em que ela repousa são a pátria. Tu a vês, tu a respiras em todos os lugares. Imagina os direitos e os deveres, as afeições e as necessidades, as lembranças e os reconhecimentos; reúne tudo isso numa palavra e esta palavra será a pátria.

Extraído do livro “Um filósofo sob os telhados”, de Emile Souvestre (15/04/1806 - 05/07/1854)

Notas da Cidade

✓ Festa de São João Bosco

Aconteceu entre os dias 08 e 11 de setembro, no Oratório Domingos Sávio, a Festa de São João Bosco. Durante o tríduo, houve missa e animada quermesse. No dia da festa, 11 de setembro, uma carreata com uma relíquia de Dom Bosco saiu do Pórtico do município, à avenida Major Pedro, e percorreu as ruas da cidade até o Oratório, na Vila Barão, onde aconteceu uma movimentada procissão pelas ruas do bairro seguida por missa celebrada pelo Pe. Marcos Biaggi.

✓ Festa de São Miguel Arcanjo

Aconteceu entre os dias 20 e 29 de setembro a Festa de São Miguel Arcanjo, Padroeiro de Piquete.

A parte religiosa constou de missas diárias, às 7h e às 19h, na igreja Matriz de São Miguel. A Fundação Christiano Rosa participou da celebração do dia 27/09 como convidada, juntamente com a IMBEL, a J.Armando, a Renaplast, a CAB e os AA.

Diariamente, houve festival de prêmios no Salão Paroquial, com venda de salgados.

✓ Coral Santa Cecília - 70 Anos

O Coral Santa Cecília comemora, no dia 29 de setembro de 2011, 70 anos de fundação, com a seguinte formação: Juquinha (harmônio), Antônio Hildo (Presidência e Regência), Jorge, Benedito Carvalho, Carlos Alberto, Cimélio, Toninho, Carlos, Thiago, Celina de Barros, Marisinha, Francisca, as irmãs Lia, Márcia e Mirthes Chaves, Tereza do Prado, Eunice, Eveline, Marina, Lourdes, Sândia, Regina, Silvana.



Lugares

“Lugares são confluências” diz Octávio Paz.

Lugares recebem sementes dos processos educativos e dos espaços de convivência. A parábola do semeador é paradigmática para refletir sobre esta representação. Diz a parábola (Mt 13,1-23) que um semeador espalhou sementes por um terreno onde as que caíram à beira de caminhos foram comidas por pássaros; as que caíram em terreno pedregoso brotaram, mas logo secaram, porque o solo era pouco profundo; as que caíram entre os espinhos germinaram, e seus brotos ficaram sufocados pelos espinhais. Entretanto, outras sementes caíram em terra boa e de ambiente favorável. Essas vicejaram e deram frutos. A lição aí contida refere-se aos ensinamentos distribuídos, os quais dependem dos que os recebem para fazê-los produtivos. A simbologia das diferenças dos espaços considera a natureza dos receptores para fazer vicejar os dons recebidos e fazê-los exemplares, e, portanto, especulares, ou seja, espelhos de referências. Afinal, vive-se, hoje, em um período de grandes transformações e mudanças rápidas. Conceitos tradicionais tomam outras direções que,

conquanto não alterem as estruturas básicas de suas propostas, recompõem-se em suas trajetórias e manifestação.

A sociedade brasileira dada como emergente, estimulada pelos contatos virtuais, globaliza-se nos modelos espelhados, embora se torne vulnerável à ação do crime organizado do tráfico de drogas e de armas. Nesse caso, os terrenos preparados com boas sementes aplicadas em terra fértil oferecerão recursos de resistência.

Do lugar de nossa origem levamos sementes básicas, mesmo que não nos continuemos fixos nele. Nossas confluências se ampliam, mas o substrato permanece e as sementes produtivas propagam-se e expandem-se. Na história de vida de cada um o campo básico se manifesta para a contínua reprodução do que foi alimentado desde o padrão inicial, como modelo a ser seguido, ainda que assimilados novos sistemas ativos e igualmente produtivos. Do lugar de origem resguarda-se a memória. E ela anima os espíritos para confluírem ao lugar comum que, embora não

geograficamente centralizado, identifica-se afetivamente.

Dadas as imagens das ancestralidades, os vértices se organizam na geometria das formas em que os ângulos definem o cruzamento dos pontos de intersecção para o modelo individual animado pelo terreno do local da sementeira.

A concepção de vida de cada presente revela-se pelo passado que já se foi, mas deixou marcas, e o futuro que se anuncia pelas projeções derivadas das confluências, influências e projetos de ação. Buscar os caminhos de acesso é uma atividade seletiva que tanto melhora quando mais se reconhece o sistema no qual se vive. Animados os espíritos pela sementeira frutífera, se reconhecerão como ativos. E, assim, poderão interferir em seus meios para torná-los reais lugares de vida. É o que ensinam os cidadãos quando, frente aos seus direitos e deveres, procuram saber para que direções deve se encaminhar o patrimônio herdado e vicejado como bom terreno.

Dóli de Castro Ferreira

Os 11 de Setembro brasileiros

Difícil encontrar uma pessoa que não se lembre exatamente de onde estava e do que estava fazendo no dia 11 de setembro de 2001. Não é fácil registrar um momento por longos 10 anos de forma tão clara. Sou um dos que se lembra... E recordo-me, ainda, de discutir quais seriam os possíveis desdobramentos do ataque às duas torres do centro de Nova York, nos Estados Unidos.

Bem... Uma década se passou e o episódio que deixou quase três mil mortos foi amplamente lembrado no mundo todo com entrevistas, “fotos inéditas”, documentários...

Um dos editoriais da FSP do dia 11 de setembro afirma que “não se pode sustentar que [o atentado] tenha acarretado mudanças duradouras no cenário mundial.” Argumenta, por exemplo, que, apesar de ter alterado a política externa norte-americana, a guerra no Iraque destruiu a reputação dos EUA, após a divulgação de má-fé e paranóia na justificativa para a invasão daquele país. Concorro com a Folha. No entanto, é indiscutível que as conseqüências daquele dia foram muitas e, boas ou más, duradouras ou não, afetaram o mundo todo: mortes, duas guerras e suas conseqüentes influências econômicas em países do mundo todo,

políticas de segurança etc.

Para mim, foi marcante no sentido de mostrar o que pode surgir da mente doentia de extremistas e as conseqüências para quem não tem nada a ver com suas ideias e valores. Avaliando exclusivamente os edifícios das Torres Gêmeas, pensei no caso de aviões serem jogados, por exemplo, contra o Museu do Louvre, o palácio de Buckingham, o Museu do Ipiranga... No caso americano, perderam-se dois prédios modernos, com tecnologia de ponta. Mas outro está sendo construído para substituí-los. Nos casos de Paris, Londres e São Paulo perder-se-iam histórias, memórias... Não haveria como reconstruí-las...

Especificamente neste mês, tentei relacionar a tragédia norte-americana com o terrorismo que conhecemos no Brasil: a corrupção desenfreada, o descaso com a educação, a saúde, a segurança pública... Em escala muito maior, pois afeta dezenas de milhões, a aparente indiferença de nossos governantes frente aos desmandos da administração pública é um atentado pior do que o de 11 de setembro de 2001 nos EUA. Assim como é inconcebível a ideia de matar milhares jogando um avião contra um prédio, não se pode aceitar que milhões

sofram nas filas de hospitais com médicos despreparados, sem leitos, equipamentos ou instrumentos de qualidade. É vergonhoso ouvir declarações absurdas de políticos defendendo o indefensável, justificando o injustificável. Em nosso país, boa parte da população não tem esgoto, universitários têm dificuldade para articular o pensamento, metade das crianças na terceira série do ensino fundamental não sabe ler nem escrever, não entende a função da pontuação num texto, desconhece que centímetro é uma medida de comprimento...

A Presidência do Brasil enviou mensagem ao presidente dos EUA declarando solidariedade no momento em que se lembram os 10 anos dos atentados contra as Torres Gêmeas. É preciso que a solidariedade seja lembrada também para os brasileiros que, há décadas, vêm sofrendo com a crescente ineficácia dos sistemas de saúde, educação e segurança. Não dá mais para vislumbrar o título de “desenvolvidos” se nossas crianças e jovens sofrem um 11 de setembro diário, pois, sem saúde, sem educação e sem segurança, serão muitos os mortos para a vida adulta...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

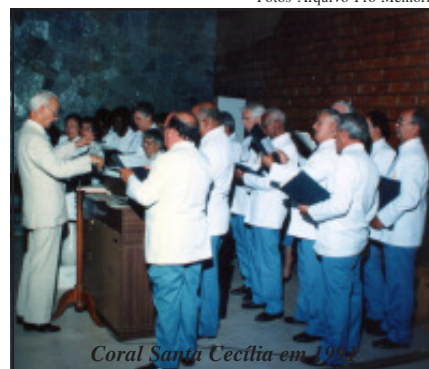
Fotos Arquivo Pro-Memória



Coral Santa Cecília nos anos 40



Coral Santa Cecília em 2011



Coral Santa Cecília em 1994

Os 70 anos do Coral Santa Cecília

Dentre os mais antigos e conceituados patrimônios culturais de Piquete, o Coral Santa Cecília da Matriz de São Miguel é um legítimo representante. Este Coral comemora, no próximo 29 de setembro, 70 anos de trabalhos ininterruptos.

A Matriz de São Miguel, desde sua inauguração, no século XIX, manteve um coeso grupo de cantores para animar os fiéis na liturgia das missas, em outras cerimônias religiosas e também em festas sociais.

Quando da emancipação do município, cantou na missa solene celebrada pelo Padre Castro, do Embaú, Maria Euphrásia Couto, organista, além de Maria Francisca, Minerina Bittencourt, Maria de Castro...

Até a década de 1930, o maestro Chiquinho Máximo estava à frente, regendo os cantos sacros na matriz. Ao harmônio, Dona Maria Euphrasia Couto. Faziam parte do grupo, entre outras, Esther e Almira Galvão, Olga e Iracema Cunha, Maria de Lourdes Ferreira, Nair Porfírio... Por motivos diversos, os componentes foram deixando o coro da Matriz e, aos poucos, os Congregados

Marianos assumiram o coral que veio dar origem, em 1941, no dia do padroeiro de Piquete, ao Coral Santa Cecília. Assumiu a regência, nessa ocasião, substituindo o maestro Chiquinho Máximo, Luiz Vieira Soares. Dona Maria Euphrasia foi substituída, no harmônio, por Carlos Vieira.

O Coral Santa Cecília adotou linha mais clássica na execução do canto sacro e, ainda hoje, vez ou outra, em grandes acontecimentos religiosos, continua apresentando algumas peças em Latim, as quais exprimem grande solenidade às cerimônias litúrgicas.

Em 1991, no ano do centenário do município, o Coral Santa Cecília comemorou seu jubileu de ouro. Contava, na ocasião, com 33 componentes, ainda sob a regência do senhor Luiz Vieira Soares e, desde os anos 60, passou a ter José Rosa de Lima como organista. Constituía o Coral: sopranos: Lourdes, Lídia, Beraldo, Tereza Souza, Tereza Santos, Marizinha, Francisca, Iracema, Laura, Luiza e Margarida; contraltos: Nair, Márcia, Mirthes, Lia, Celina, Izaura, Manoelina, Elza e Maria Luiza;

tenores: Arthur, Altair, Edinho, Durval, Betinho, Joair, Cotinha, e Macaé; barítonos: José Theóphilo, Luiz Vieira e Jonas. Com esta formação, o Santa Cecília se apresentou em diversas cidades da região. Tornou-se referência no canto coral. No entanto, aos poucos foi ficando desfalcado de seus membros. Em julho de 2001, após 59 anos à frente do Coral, faleceu Luiz Vieira Soares, regente, fundador e grande incentivador. Foi substituído por Joair Santos. Atualmente, com muitas dificuldades, um pequeno grupo de idealistas mantém o Coral Santa Cecília, que se encontra sob a presidência e regência de Antônio Hildo Chaves da Silva e conta com 19 componentes, divididos em oito sopranos, 4 contraltos, 4 tenores e Juquinha ao harmônio.

Neste 29 de setembro, o Santa Cecília comemora seus 70 anos de fundação. Que São Miguel Arcanjo, padroeiro de Piquete, os abençoe, e que Santa Cecília, padroeira dos músicos, lhes dê fé e perseverança para continuar o seu trabalho.

Bons Amigos

Abençoados os que possuem amigos,
os que os têm sem pedir.
Porque amigo não se pede, não se compra,
nem se vende.
Amigo a gente sente!
Benditos os que sofrem por amigos,
os que falam com o olhar.
Porque amigo não se cala, não questiona,
nem se rende.
Amigo a gente entende!
Benditos os que guardam amigos,
os que entregam o ombro pra chorar.
Porque amigo sofre e chora.
Amigo não tem hora pra consolar!
Benditos sejam os amigos que acreditam
na tua verdade ou te apontam a realidade.
Porque amigo é a direção.
Amigo é a base quando falta o chão!
Benditos sejam todos os amigos de raízes,
verdadeiros.
Porque amigos são herdeiros da
real sagacidade.
Ter amigos é a melhor cumplicidade!
Há pessoas que choram por saber
que as rosas têm espinho,
Há outras que sorriem por saber
que os espinhos têm rosas!

Machado de Assis

Dois amigos que partiram...

Todo adeus traz dor. A dor da saudade, a dor da ausência, a dor da lembrança.

Nestes últimos quinze dias perdi dois amigos. O Toninho Piraí e o Padre Cipriano. Durante os funerais de ambos pude constatar que eles eram amados por muitos. O Toninho era um homem simples, de alma poeta, o derradeiro seresteiro de nossa cidade. Era alegre e cordial. Foi sepultado ao som das músicas que gostava de cantar. Seu amigo Gil ficou ao seu lado fazendo uma seresta em sua homenagem. E quantas professorinhas terão saudades de sua música preferida!

O Padre Cipriano, homem culto e de visão ampla. Orientador espiritual de muita gente, quer nas lides religiosas, quer no dia-a-dia dos grupos sociais em que exerceu com sabedoria seu ministério sacerdotal. A última vez que o encontrei conversamos por longo tempo, no pátio da Igreja Santo Antônio, trocamos idéias, externamos nossos sonhos de uma sociedade mais justa e igualitária. Me aconselhou muito e me

abençoeu. Guardo comigo suas palavras sábias que, com certeza, irão ajudar em minha caminhada. Aos dois amigos agradeço a oportunidade de ter convivido com eles e que Deus os guarde na felicidade eterna.

Teca Gouvêa

Abaixo: Toninho Piraí em uma de suas últimas apresentações: no Terço dos Negros, em Piquete, em 11/06/2011



Foto arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

O canhoto...

Palmyro Masiero

Durante toda minha vida tenho tentado ser um cara ultradireitista. Não venham com a cabeça cheia de política e imaginar-me um fanático da extrema direita. Tem nada a ver com política... Uma posição tomada para andar sempre “às direita”, certinho, ali de acordo como manda o figurino imposto pelas leis dos homens e de Deus. Talvez anseie ser um “sim, senhor” na vida e ganhar o céu, sei lá...

Batalho pra isso... Por exemplo: quando menino de grupo escolar, me disseram que ants de “p” e “b” não se usaria nunca o “n”. Embora quisesse saber a razão dessa implicância com o coitadinho do “n”, jamais me explicaram e somente maduro foi que descobri a causa. Mas respeitei sempre: há “n” anos que obedeço cegamente a regra. E, para não fugir à regra, era proibido colar, o que levava esse panaquinha da época a dançar enquanto os mais corajosos se davam bem.

A terrível ordem “É proibido Fumar” maltrata-me. Basta dar de cara com uma dessas placas que no ato a mão fica incontrolável em busca do maço de cigarros. Controlo-me, sob tortura. Elevador é uma caixinha da qual saio sempre com um cigarro apagado de dentro, prontinho para se aceso no instante em que a porta se abrir. Com ou sem vontade de fumar... Eu, no respeito... Tenho paciência oriental de esperar anos para assistir um filme passar na televisão depois de correr todo o circuito nacional. Ao cinema não vou: é proibido fumar! Ai que saudades dos “poeiras” lá de São Paulo dos anos 50, que era só fumaça dentro e ainda por cima levava-se a cadeira para onde fosse melhor.

“Não pise na grama”. Sim, senhor, pode deixar que meus pés não tocarão no grama. Se no zoológico é proibido dar comida aos animais, que morram de fome. Mas, em certos locais deveriam colocar cartazes ao inverso: “Não é proibido dar comida aos pobres”. Na certa, se eu passasse por lá, o povão ficaria satisfeito com o obediente aqui...

“Entre na fila”. É comigo mesmo... Nem sei pra quê, mas tô enfileirado. Essa mania de confundir manuseio com mão no seio... Como na piada, se, por acaso, tomar algum remédio e depois ler que precisava ser agitado antes, pipoqueio feito doido pra

misturar o danado no bucho...

Estão entendendo? Sigo tudo, ou quase tudo, à risca. Uma coisa que tenho de confessar para não pecar duplamente: por omissão e não observância. Aquele mandamento de não desejar a mulher do próximo é pra derrubar qualquer convicção ou fanatismo. Tem cada próximo – outros não muito – que é casado não com mulher, mas com avião! Haja hangar! A gente se esforça para seguir o mandamento, mas o desejo é pior que cupim, pô!

Pois é... recentemente nos mandaram para um recadastramento eleitoral. Na data estabelecida, eu lá, com meu título rasgado, preenchendo formulário. No dia aprazado apanhei o novo e, não tenham dúvidas, atendendo sugestões da TV, plastifiquei-o. O que aconteceu no dia da eleição? Com o encapadinho, identidade, após sair da indevassável recebi o título de volta e um canhoto como prova de que havia cumprido meu obrigatório direito cívico de votar. De acordo com a propaganda do TER, a coisa ficaria preta para os não votantes. Comigo não, Marieta... Meu comprovante foi guardado a sete dobras dentro da carteira.

Saí de casa armado, com o comprovante, pois iria a vários lugares e nunca se sabe onde poderiam exigí-lo. Comprei pão, leite e cigarros na padaria e ninguém exigiu o papelucho. Fui ao banco descontar um cheque. Pagaram e indaguei se não precisava mostrar a prova de que havia votado. Não... Na feira, os feirantes estavam mais interessados em ágios justificatórios para o fregueses. Fui a uma loja comprar calça e camisa com o cartão de crédito. Botei fé... Só me dariam crédito se comprovasse que paguei o débito cívico na data exata. Bobeira... Dispensável... Nem o pasteleiro chinês se interessou...

Diabos! Que fazer com o canhotinho? Deverá também ser plastificado? Terei que guardá-lo na carteira até o final dos tempos? A TV dará as dicas de onde utilizá-lo? Sintam o drama... Quero fazer a coisa certa, mas não estão me deixando... Estou começando a crer que essa prova na minha carteira simboliza convivência, sendo o comprovante um recurso incriminatório por ter votado e, em consequência, um dos culpados se a coisa desandar... Sei não, mas tô achando que esse canhoto não é direito!

Romaria de Caxias

Edival da Silva Castro

Quando o Parque Zoológico da Fábrica Presidente Vargas se encontrava na plenitude de suas atividades, as romarias procedentes de Minas Gerais, que desciam pela BR-459 com destino à cidade de Aparecida, tinham parada em Piquete, para que os romeiros pudessem visitar o Zoológico, que era atrativo excelente para crianças e adultos, visto a quantidade de aves e animais existentes. Os romeiros vinham em ônibus e caminhões tipo pau-de-arara e desembarcavam na Praça Duque de Caxias e adjacências.

No coreto da praça existe uma peanha com o busto do Duque de Caxias. Quando os romeiros estavam ali, um moço ladino fazia-se de religioso: ajoelhava-se sob o busto e, fazendo menção de que rezava, ficava observando de soslaio a aproximação de pessoas simples e humildes. Quando eles se ajuntavam, o moço se levantava, fazia o sinal da cruz, enfiava a mão no bolso, retirava algumas moedas e as depositava na base da peanha. Fingia, então, que ia embora e ficava nas imediações observando o movimento dos romeiros. Quando embarcavam, ele corria até o local e recolhia as muitas ofertas ali depositadas. Sorrindo, saía chacoalhando o bolso abarrotado de moedas e notas.

As romarias aconteciam geralmente aos sábados, domingos e feriados. Num determinado domingo, quando o moço se encontrava ajoelhado sob o busto do glorioso Caxias, um sabido romeiro alertou em voz alta seus companheiros de viagem:

– Nossa, gente... Aquele moço deve ser louco. Está rezando sob o busto do Duque de Caxias. O pessoal se retirou gargalhando. Desde aquele dia, nunca mais o moço voltou a postar-se sob o busto do jubilandio militar. Antes de deixar o local, no entanto, olhou firme para ele, frustrado, e disse:

– É, Caxias... A mina secou!



Lembranças Piquetenses

A Fundação Christiano Rosa convida para o lançamento do livro

“Lembranças Piquetenses”,
de Wanderley Gomes Sardinha

15 de Novembro de 2011, a partir das 20h
Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” - Piquete/SP

Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta
ou
www.fundacaochristianorosa.cjb.net



Um patrimônio histórico preservado

Cinco anos são passados desde o 15 de setembro de 2006, quando da inauguração do Memorial da Usina Rodrigues Alves, instalado no prédio da antiga usina hidrelétrica Rodrigues Alves, que se encontrava abandonado e foi totalmente restaurado e adaptado.

A iniciativa de tal empreendimento, que contou com a colaboração da Fundação Christiano Rosa, coube ao general Álvaro Henrique de Moraes, atual presidente da IMBEL. Idealista, visionário, cidadão consciente, cuja cultura o leva a priorizar e a valorizar bens públicos. Para Moraes, que foi Diretor de Assuntos Culturais do Exército, preservar bens de valor histórico e cultural, como os da FPV, constitui garantia para manter o passado vivo, sem que se perca uma referência histórica, não só dos

piquetenses, mas de toda o país.

A valorização do patrimônio histórico-cultural de uma localidade tem a ver com o grau de desenvolvimento de sua comunidade e de seus governantes. Quanto maior a instrução de um povo maior a preocupação com seu patrimônio.

Piquete é um dos menores municípios do estado de São Paulo. No entanto, mantém um rico patrimônio histórico-cultural e ambiental que precisa, a todo custo, ser preservado, reconhecido e divulgado. Grande parte deste patrimônio encontra-se sob a guarda da FPV.

Marco de uma época, a construção da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, durante o governo Rodrigues Alves, visava a suprir as necessidades de nossas forças armadas e, consequentemente, assegurar

a soberania de seu território. Foi com as obras militares de instalação da Fábrica que o município iniciou seu crescimento e desenvolvimento, gerando empregos e divisas. Dentre as edificações construídas pelo Exército, ainda preservadas, destacam-se: a Represa Marechal Argollo, a Usina Hidrelétrica e a Estação Ferroviária, ambas nomeadas Rodrigues Alves, a Vila Militar da Estrela e inúmeros edifícios da área fabril.

É sempre bom lembrar, nos meses de setembro, quando das comemorações da Independência do Brasil, que é no dia-a-dia, com população instruída, ciente de seus direitos e deveres e que valoriza seu passado e tradições, que a independência é reforçada e se constrói o futuro.

Vocês é que têm de lhes dar de comer

No capítulo 14 do evangelho de Mateus há uma narrativa muito conhecida sobre um encontro de Jesus com uma multidão. Diz o texto que, ao sair de uma barca, Jesus viu grande número de gente, teve compaixão e curou os que estavam doentes.

Quando o sol já estava indo embora, os seguidores mais próximos de Jesus lhe falaram: Este lugar é deserto e já está anoitecendo, vamos mandar essa gente embora para que possa ir ao povoado comprar comida. Jesus respondeu: Não adianta mandar essa gente embora. Certamente Jesus percebia que aquelas pessoas não tinham dinheiro para comprar comida. Disse então: Vocês mesmos devem dar comida para essas pessoas; e multiplicou, então, a pequena quantidade de alimentos que seus seguidores lhe apresentaram, mandando que partilhassem com aquelas pessoas. Só depois que todos ficaram satisfeitos é que Jesus despediu a multidão.

Cada vez que lemos esta narrativa em nossas comunidades, recordamo-nos de que os cristãos precisam se sensibilizar com a injusta miséria que ainda marca nossa sociedade. As palavras de Jesus são comprometedoras: Vocês mesmos vão saciar a fome dessa gente.

O compromisso do cristão não deve se limitar à partilha do pão. Mais do que isso, é necessário travar uma batalha contra as causas da miséria. Dados recentes da organização Transparência Internacional e projeções da Federação das Indústrias do

Estado de São Paulo revelam que, de todo o dinheiro movimentado pela corrupção no mundo, entre 26% e 43% são provenientes do Brasil. Enquanto as perdas médias globais anuais giram perto dos R\$160 bilhões, as brasileiras podem ter chegado a R\$ 70 bilhões por ano, isto é, 2,3% de nosso PIB. Cálculos feitos a partir de informações de órgãos públicos de controle mostram que só dos cofres do Governo Federal, de 2002 a 2008, R\$ 40 bilhões foram perdidos com a corrupção, o que dá uma média de R\$ 6 bilhões por ano – dinheiro que deixou de ser aplicado em favor da população. Com esse volume de recursos – equivalente ao PIB da Bolívia –, seria possível elevar em 23% o número de famílias beneficiadas pelo Bolsa Família – hoje de quase 13 milhões. Ou, ainda, reduzir à metade o número de casas sem saneamento – no total, cerca de 25 milhões de moradias.

O dinheiro da corrupção gera uma classe injustamente enriquecida que, às custas do povo, como parasita, goza de uma vida confortável. Os beneficiados pela corrupção vivem em ótimos imóveis, circulam em carros de luxo que são trocados a cada ano, tornam-se empresários do dia para a noite e prosperam em pouco tempo, como nenhum trabalhador conseguiria prosperar. Gera também uma classe de mercenários, que não ficam ricos mas recebem sempre pequenos benefícios para se manter fiéis: um emprego para o filho, o pagamento das prestações do automóvel popular, cestas básicas, material de construção desviado de obras

públicas para reformar a casa, e assim por diante. Por outro lado, o dinheiro desviado pela corrupção faz muita falta e torna precários os serviços públicos: os hospitais não dão adequado atendimento à população, a educação e a merenda escolar são de má qualidade, os espaços públicos são mal cuidados e os jovens não possuem áreas de lazer como quadras, pois o dinheiro para construí-las foi furtado. Quem mais sofre com tudo isso são os mais pobres, que só podem contar com os cuidados do Estado para satisfazer suas necessidades.

A corrupção é uma grande causa de injustiças e do agravamento da miséria de nosso povo. É muito triste saber que muitas pessoas frequentam as comunidades cristãs e ao mesmo tempo se beneficiam desse dinheiro sujo. É igualmente triste saber que muitos cristãos votam em políticos comprovadamente corruptos, perpetuando, a cada eleição, a roubalheira que se instalou entre nós.

As palavras de Jesus “Vocês é que têm de lhes dar de comer” comprometem os seus discípulos, de todos os tempos, com os desprovidos deste mundo. Combater a corrupção vivendo honestamente e elegendo pessoas honestas para o governo do povo é uma obrigação de todos os seguidores de Jesus, visto que este grande mal aumenta os sofrimentos e a exclusão dos empobrecidos, e os priva ainda mais da dignidade.

Pe. Fabrício Beckmann



Em defesa do nosso patrimônio cultural

“Sim, o futuro do homem depende da cultura.” (João Paulo II, UNESCO, 1980)

Em setembro a comunidade de Piquete comemora seu padroeiro, São Miguel Arcanjo. Foi sob suas bênçãos e proteção que a cidade cresceu e se espalhou pelas encostas mantiqueiras. Ao longo dos tempos, a comunidade piquetense criou cultura, fez história e preservou suas tradições, que precisam ser conhecidas e valorizadas.

Neste terceiro milênio encontramos a humanidade com um avanço científico e tecnológico que nos surpreende a cada momento e nos coloca diante de novos desafios éticos e religiosos. No entanto, nunca o autoritarismo e a centralização de poder foram tão evidentes e unificadores quanto neste tempo, como um dos reflexos da globalização. Este fenômeno torna a sociedade ameaçada ecológica, social, educacional e culturalmente. A cultura, movimento do espírito, está em toda parte e é antídoto contra esta ameaça. Daí a preocupação da Igreja, que está atenta a

esse papel da cultura na vida da humanidade.

Tem-se estimulado, nas comunidades católicas, a criação de uma Pastoral da Cultura, tanto nas dioceses quanto nas paróquias. Esta Pastoral será um instrumento valioso para o diálogo da Igreja com o mundo que a cerca e, sem dúvida, há de se tornar um suporte para todas as atividades pastorais. Dialogando com as realidades locais e as enriquecendo com a seiva do Evangelho, a Pastoral da Cultura contribuirá decisivamente para que a ação evangelizadora seja mais viva, mais alegre e mais compreendida.

Em sintonia com o que preconiza a CNBB, a Fundação Christiano Rosa vem desenvolvendo, desde sua instituição, ações afirmativas no intuito de valorizar a memória, o patrimônio histórico-cultural e a arte como expressão da cultura. No mês em que se comemora seu padroeiro, lembramos que foi a Fundação que propôs e instrumentalizou

os estudos que levaram ao tombamento da Antiga Matriz de São Miguel como patrimônio histórico, cultural e arquitetônico de Piquete (Decreto nº 2465, de 15 de junho de 2002). A preservação da antiga matriz, construída sob a invocação de São Miguel, no século 19, por obra dos cidadãos povoadores e fundadores de nossa cidade, alicerça-se não só como valor afetivo de nossa população para com este patrimônio arquitetônico, sua referência máxima, mas principalmente por sua importância histórico-cultural. A legitimidade desse patrimônio é referendada pela tradição, apoiada na memória e na história oral. Em nome de São Miguel, a “velha matriz” está introjetada em todo piquetense e faz parte do seu inconsciente. Com o tombamento, resguarda esse patrimônio da memória urbana como edifício histórico e monumento primordial de nossa origem político-administrativa.

Os arcanjos na atualidade

Gabriel é mensagem – é Deus que ensina.

Rafael é medicina – é Deus que cura.

Miguel é poder – é Deus que julga.

A droga é a grande mácula do mundo atual. Prejudica países ricos e países pobres.

O México se vê envolto por uma onda de crimes bárbaros principalmente na fronteira com os Estados Unidos – país que engorda dos bolsos dos traficantes.

O Brasil está cercado por tradicionais produtores: a coca, na Bolívia e no Peru; a maconha, no Paraguai.

Os traficantes demonstram grande habilidade em disfarçar as cargas. O lucro com as drogas é tão grande, que o esforço da Polícia não surte o efeito desejado, porque os traficantes presos são logo substituídos – até por familiares. Os bandidos chegam a comandar o tráfico de dentro das penitenciárias.

A cada dia, surge uma nova droga que desfigura a nossa juventude.

Hoje, o crack, lixo da cocaína, atingiu a nossa infância. É preciso inverter o foco: é preciso cuidar do consumidor.

Cercar a infância de toda informação abalada é o eixo do esforço para a erradicação das drogas.

Cartilhas devem ser preparadas e distribuídas nos postos de saúde, escolas, igrejas. O conhecimento vai evitar o primeiro contato da nossa juventude com o material danoso que mina a saúde física e mental e

chega a conduzir ao crime.

É a Operação Arcanjo Gabriel. Neste particular é nosso dever citar os esforços da Polícia Militar com seu Programa de Erradicação de Drogas – Proerd, que tantos benefícios tem trazido à juventude curiosa que nunca admite que experimentar pode levar ao vício.

O segundo passo é o tratamento do viciado.

Aqui é indispensável a pesquisa. As Faculdades de Bioquímica e Farmácia devem empenhar-se na análise desses produtos e publicar com destaque os resultados para que os usuários entendam a loucura que os acomete quando ingerem, além da droga, gesso, gasolina ou querosene.

Aos médicos e psicólogos cabe procurar o tratamento seguro, sem interrupção, evitando-se as recaídas.

O poder público não pode mais procrastinar a criação de clínicas de desintoxicação e o apoio a todas as instituições particulares que acolhem os doentes graves.

Deve ainda patrocinar campanhas na televisão e no rádio e mandar afixar cartazes nos postos de saúde, alertando pais e professores.

É a Operação Arcanjo Rafael. O Deus que cura está presente na Fazenda da Esperança. Nossa região foi abençoada com o Frei Hans, que já livrou grande número de jovens do descaminho da droga.

Finalmente, a questão crucial: como julgar os usuários de drogas e os jovens traficantes.

Todos sabemos que um produto não procurado sai das prateleiras. Se não houver consumidores, os traficantes vão ter de migrar para outro tipo de atividade.

Como tratar os menores traficantes?

Sabemos que ingressam no crime para obter a droga para consumo.

Estes adolescentes precisam de um ambiente de trabalho e estudo, de muita luz do sol e ar puro. Uma Fundação Casa de Hortas e Jardins seria o ambiente ideal para os adolescentes cooptados pelo tráfico.

É a Operação Arcanjo Miguel. Neste particular, cabe-nos o dever de louvar o esforço de todos os que na Justiça e no Parlamento se recusam a aceitar a opção fácil de diminuir a imputabilidade para a idade de 16 anos. Com os 16 anos os jovens ainda não estão na posse de todos os seus valores. Se houve desvio de conduta, o adolescente, com bom atendimento, pode reintegrar-se à sociedade.

Piquete se prepara para homenagear seu padroeiro.

Que São Miguel abençoe todos os que se empenham em proteger a nossa juventude.

E que os Arcanjos Gabriel e Rafael enviem suas luzes para alertar nossa cidade sobre o perigo das drogas.

Abigail Lea da Silva